

GEOPOLÍTICA DA SOJA: CAPITAL E CONTEXTO INTERNACIONAL

Adílson de Chaves – Acadêmico do curso de Geografia da Universidade Federal de Santa Maria.

chavesgeo@mail.ufsm.br

Eduíno Costa – Acadêmico do curso de Geografia da Universidade Federal de Santa Maria.

eduinocosta@mail.ufsm.br

Leônidas Descovi – Acadêmico do curso de Geografia da Universidade Federal de Santa Maria.

leonidadasfilho@mail.ufsm.br

Rodrigo Diniz – Acadêmico do curso de Geografia da Universidade Federal de Santa Maria.

dinizgeo@yahoo.com.br

Roberto Seidel – Acadêmico do curso de Geografia da Universidade Federal de Santa Maria.

robertoseidel@mail.ufsm.br

Anderson Luis Ruhoff – Professor do Curso de Geografia do Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Maria.

andersonruhoff@yahoo.com.br

Introdução

O Brasil caracteriza-se no cenário econômico internacional por desempenhar um papel agroexportador, seguindo a dinâmica capitalista mundial, o que o conduziu a ciclos como: Ciclo do Pau Brasil, Ciclo da Cana-de-Açúcar, Ciclo do Café, Ciclo da Borracha, Ciclo do Charque... Neste contexto, tem-se então a geração de divisas internacionais (febres econômicas) em relação a determinados produtos, os quais possuem um apogeu econômico e um declínio quando tal produto é desvalorizado e/ou perde espaço no mercado internacional.

Contemporaneamente, presenciamos o Ciclo da Soja, sendo um dos principais complexos agroexportador brasileiro, cuja importância no cenário agrícola ultrapassa os limites das fazendas, englobando os setores de pesquisa e tecnologia, agroindústria, logística, cadeias produtivas e questões sócio-políticas.

A soja é um produto de origem chinesa, que chegou ao Brasil por volta de 1924, precisamente no noroeste gaúcho, que é considerado o “Berço Nacional da Soja”.

Esta cultura está intrinsecamente ligada ao processo de modernização da agricultura nacional, acompanhando dialeticamente sua ascensão; pois revolucionou todo o processo produtivo, não somente na produção em larga escala desse grão, como também toda economia agrária do país.

Novas técnicas de manejo do solo, como é o caso do plantio direto que objetivam uma maior conservação do solo, encontram na leguminosa seu maior difusor. Percebe-se claramente que através das estatísticas da produção que as novas tecnologias estão facilitando tanto a gestão da lavoura como o aumento da produtividade, através do avanço das pesquisas das ciências do solo,

introdução de maquinários altamente informatizados e de grande porte produtivo (colheitadeiras, semeadeiras), que se utilizam inclusive de Sistema de Posicionamento Global (GPS), bem como pulverização aérea, irrigação por pivô central e sementes geneticamente modificadas.

Assim, neste artigo pretende-se traçar um perfil da geopolítica da soja num contexto nacional e internacional, através do viés da espacialização seguindo a lógica do capital e seus reflexos sobre a economia e o social, numa abordagem geográfica.

Metodologia

Analisar o advento e a expansão da cultura da soja no país sem aprofundarmos as discussões teóricas necessárias à avaliação dos acontecimentos, a pesquisa acaba por reduzir-se a constatações superadas, já que a importância da teoria é materializada em sua constatação prática.

Assim, para traçar o perfil da geopolítica da soja, o estudo estruturou-se de forma a contemplar uma análise dialética numa conjuntura que envolveu de forma mais ampla, i. e., abrangendo “não” somente a cultura da soja isoladamente, mas dentro de um contexto que avaliou fatores como: geração e ampliação de tecnologias, implicações do uso de novas técnicas nas relações de trabalho, impactos ambientais e socioeconômicas que estão englobadas na realidade capitalista agrária brasileira.

Após realizado a revisão teórica, buscou-se a quantificação e análise das estatísticas que envolvem a cultura da soja, seguindo a seqüência: produção mundial, estoque mundial, principais países produtores, participação dos principais Estados e Microrregiões Geográficas no cenário nacional.

Expansão das lavouras e produção

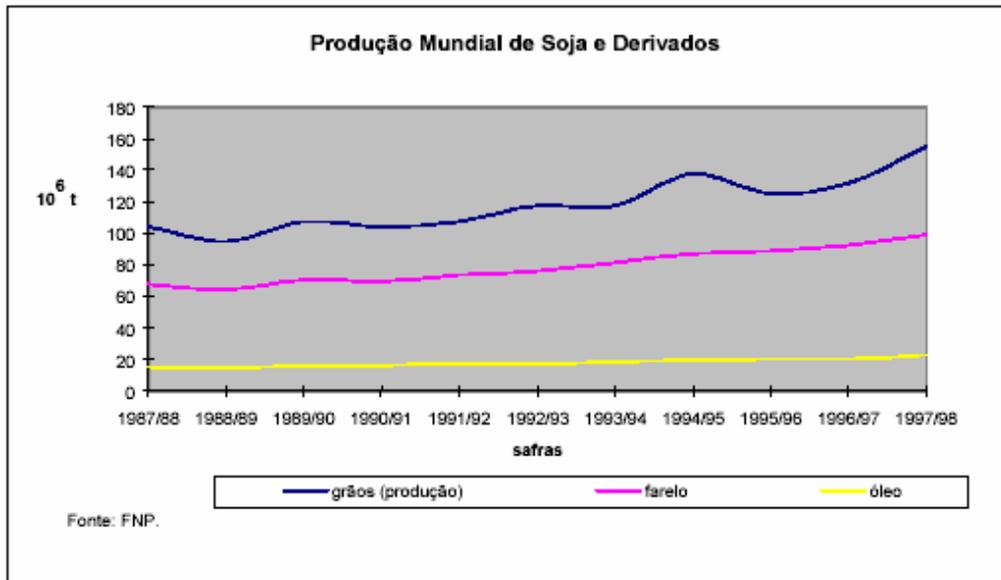
Pode-se inferir que a expansão das lavouras de soja foram responsáveis pela introdução do agronegócio no cenário nacional, pelo volume físico e financeiro e, principalmente pelos novos empreendimentos empresariais/administrativos por parte dos produtores, fornecedores de insumo, logística de processamento industrial da matéria prima, desenvolvimento do comércio e todos os setores que ampliaram as vantagens competitivas da produção.

Neste contexto, expande-se uma geopolítica de ocupação territorial no Brasil, é a chamada interiorização – A conquista do Oeste, que se confunde com o comércio em larga escala do “Ouro Verde”.

Na medida em que o agronegócio foi se especializando e ganhando espaço no mercado internacional, isto originou uma competição acirrada interna e um grande desenvolvimento em pesquisas e tecnologias que abrangem desde avanços agrônomicos e utilização de maquinários de ponta, como também o avanço biomolecular que desenvolveu sementes geneticamente modificadas adequadas as diferentes regiões (aspectos físicos) e resistentes aos agrotóxicos atualmente utilizados (ver as implicações na página 8).

A produção mundial de grãos de soja tem crescido a uma taxa de 3,7% a.a., nos últimos 10 anos partindo de 103 milhões de toneladas na safra de 1987/88 e se aproximando de 154,7 milhões de toneladas na safra de 1997/98.

Cabe salientar que mesmo em períodos de crise, ora provocados pela oscilação de mercado (maior oferta, superprodução, clima, consumo, crises econômicas, barreiras protecionistas/alfandegarias), foi observado um crescimento sucessivo, mesmo que oscilante. Logo se percebe uma reação quantitativa e o aumento da produção de grãos, farelos e óleos. Observe o gráfico abaixo:

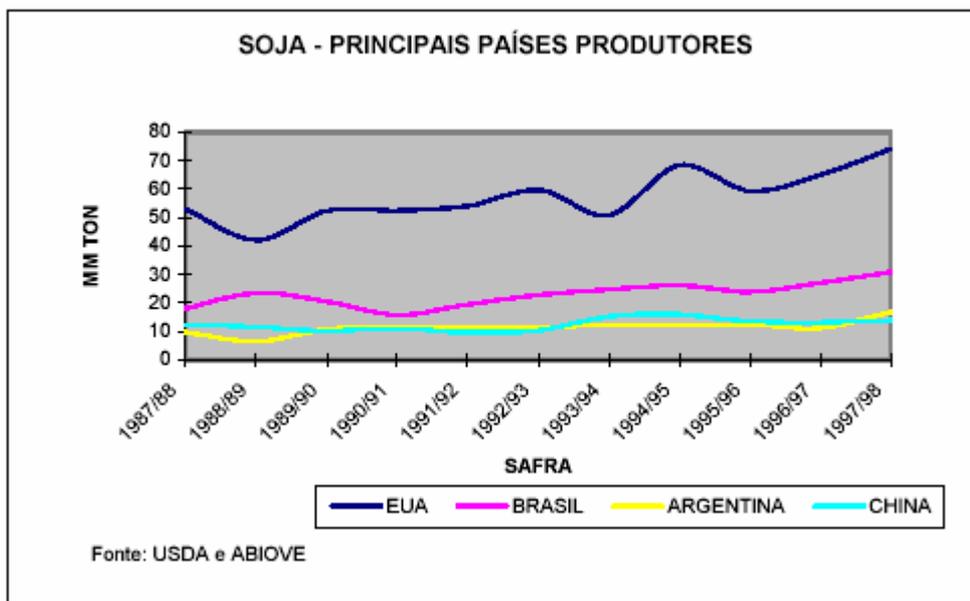


Fonte: Paula & Faveret Filho, 200-?.

Gráfico 1 – Produção Mundial de soja e derivados.

Outro fato que chama a atenção é que o crescimento do consumo de 1990 à 1997 foi maior que a produção, o que levou a um declínio do estoque mundial. Assim, busca-se a reposição deste estoque através das safras recordes de 1998, obtidas pelos Estados Unidos, Brasil e Argentina, o que não recuperou a relação proporcional entre produção e estoque mundial existente no período anterior à 1991, quando variava em torno de 17% à 20% da produção.

Assim, o estoque "físico" em 1997 retorna ao patamar histórico de 20 milhões de toneladas, porém representando apenas 13% da produção. Neste processo de intensa busca pela produção de soja, destacam-se: Estados Unidos, Brasil, Argentina e China que lideram a produção mundial, com aproximadamente 88% do total da soja produzida no mundo. Ver o gráfico abaixo:



Fonte: Paula & Faveret Filho, 200-?.

Gráfico 2 – Principais países produtores de soja

Como mostra o gráfico e com base na produção mundial que em média tem sido de 3,6%, o Brasil e a Argentina merecem destaque com taxas de crescimento superior a 5%.

Em nosso estudo, faz-se necessário abordar de forma enfática a produção brasileira de soja, para assim especializá-la e analisar essa geopolítica que brota em torno da cultura.

Conforme Paula & Faveret Filho, 200-?:

A produção brasileira de soja alcançou 31,3 milhões de toneladas na safra de 1997/98, ocupando uma área de 11,4 milhões de hectares com uma produtividade de 2.308 kg/ha. Na década de 70, observou-se um crescimento médio de 22% ao ano em produção, 17% em área e 3,6% em produtividade. O crescimento acelerado resultou da combinação de preços atrativos no mercado internacional e crédito abundante com juros subsidiados para a produção nacional.

Assim temos uma expansão referente à produção e a área de cultivo como mostra a tabela abaixo:

Tabela 1: Taxas de crescimento Médio Anual da Produção, Área e Produtividade da Soja no Brasil (em %).

Período	Produção	Área	Produtividade
1970/79	22,0	17,7	3,6
1980/89	3,0	3,1	-0,1
1990/98	8,6	2,1	4,9

Fonte: Abiove, Safras & Mercados e IBGE in Paula & Faveret Filho, 200-?.

A tabela mostra com clareza o aumento da produtividade por hectare, bem como, o aumento da produção, isto nos remete a refletir na produção de soja no cerrado, altamente mecanizada e capitalizada.

A distribuição regional da soja no Brasil tem variado num recorte temporal próximo. Num período muito curto de tempo tem-se a migração da cultura para novas fronteiras agrícolas, como é o exemplo do Mato Grosso, que assumiu em 1995/1996 a segunda posição na produção brasileira, com 2.730 kg/ha em média, enquanto o Rio Grande do Sul, “berço da soja” apresenta grandes variações na produção e produtividade, principalmente em função do “clima” que devido a frustrações causadas nas safras têm condicionado numa diminuição da área plantada, como por exemplo, a quebra ocasionada pela última estiagem (safra 2004/2005).

A Geopolítica da Soja

A partir da década de 90, pode-se perceber que a distribuição da produção de soja no Brasil está concentrada basicamente em cinco Estados, respectivamente em quantidade produzida: Mato Grosso, Paraná, Rio Grande do Sul, Goiás e Mato Grosso do Sul.

Sendo observado um deslocamento da produção que originalmente se estabeleceu no Rio Grande do Sul e passou a ocupar novos espaços, expandindo a fronteira agrícola que se deu de certa forma no ritmo da “Conquista do Oeste” difundindo-se primeiramente em direção a Santa Catarina e Paraná (Região Sul), posteriormente Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Goiás (Região Centro-Oeste/Cerrado) e ainda alguns espaços da Região Nordeste como é o caso do Norte da Bahia - Pólo Industrial de Barreiras, onde se concentra praticamente toda a produção de soja deste Estado.

Atualmente, percebe-se o avanço acelerado desta cultura em direção Norte (sobre a floresta Amazônica-última fronteira agrícola do Brasil).

Segundo Paula & Faveret Filho (200-?), cabe salientar que: “Os estados do Centro-Oeste, que em 1980 tinham 14% da área brasileira ocupada com soja, contra 77% da região Sul, em 1998 passaram a 36%, enquanto a região Sul diminuiu sua área para apenas 48%. Por sua vez, a soja do cerrado, que representava 16% da área total em 1980, passou a ocupar 45% em 1998”.

Diante do cenário internacional o Brasil é diferenciado, já que possui uma área de 106 milhões de hectares onde ainda poderá produzir, ou seja, uma das maiores reservas de terras agrícolas do mundo enquanto os Estados Unidos não possui área agrícola para crescer e as que dispõe já atingiram um alto limite de produtividade, tornando-se cada vez mais difícil de aumentar. Se compararmos o Brasil com a China percebemos que levamos vantagem novamente tendo em vista que a produção deste país é totalmente absorvida pelo mercado interno não gerando excedentes para exportação, já que a soja é um produto básico da mesa do chinês e freqüentemente a região agrícola chinesa sofre com as monções atípicas, sendo que no Brasil o consumo é de forma indireta, gerando um excedente exportador e a busca de novas áreas para o cultivo da soja.

Análise Geoeconômica da Soja nos principais Estados brasileiros

Pode-se perceber uma crescente evolução na produção da soja no Estado do Mato Grosso que em 1990 atingia aproximadamente 3 milhões de toneladas e que após um constante investimento

(capital, ciência, tecnologia e transporte) tornou-se em 2002 o maior produtor da cultura no país com aproximadamente 12 milhões de toneladas.

O Estado do Paraná que ocupava a segunda colocação em termos de produção nacional e em 2002 permaneceu na mesma posição porém com aproximadamente 10 milhões de toneladas.

Já o Rio Grande do Sul, que no início da década de 90 dispontava como o maior produtor com cerca de 6 milhões de toneladas ocupava o terceiro lugar na produção. Em 2002, pouco a frente do Estado de Goiás, ambos com praticamente a mesma produção, em torno de 6 milhões de toneladas. Sendo que ao longo da década de 90 observou-se que no Rio Grande do Sul, a produção mesmo que oscilante manteve-se em torno dos 6 milhões de toneladas e o Estado de Goiás vem crescendo sua produção partindo de pouco mais de 1 milhão de toneladas em 1990 para quase 6 milhões de toneladas em 2002.

Em 2002, Mato Grosso do Sul ocupava o quinto lugar na produção de soja, em torno de 3 milhões de hectares, um acréscimo ao longo da década, sendo que em 1990 a produção era de 2 milhões de toneladas (Paula & Faveret Filho, 200-?).

Conforme Castro; Gomes; Correa (1996, p. 328):

O quadro de estímulos governamentais, favorecido pelo aquecimento do mercado externo foi determinante na evolução da cultura da soja na região dos cerrados, que passa a se destacar entre as lavouras que mais prosperam na região. Entre 1980 e 1984 o volume da produção de soja cresceu 570,86%, alcançando 10.128.984 toneladas em 1994, o que representa 40,66% da produção nacional. No que se refere a área plantada, o aumento foi da ordem de 385,65%, ocupando 4.290.413 hectares em 1994, participando com 37,20% da área nacional.

Escoamento da produção: um fator decisivo de competitividade

O escoamento da produção de soja no país se dá principalmente através das rodovias, um transporte caro e pouco competitivo se comparado com o escoamento da produção de países como: Estados Unidos e China, cujo escoamento se dá através do transporte ferroviário. Entretanto, mesmo que o custo seja alto, o país consegue se manter competitivo devido a ampliação de portos e a multiplicação da capacidade das rodovias e manutenção.

Sendo verificado que alguns Estados investiram mais no transporte como é o caso do Mato Grosso, sendo este um dos fatores responsáveis pelo desempenho do Estado na produção em relação aos demais.

Observa-se, no entanto que há diferença no que tange os custos de produção: é o caso do Mato Grosso e do Paraná, enquanto o primeiro apresenta custo de mão-de-obra e preços baixos da terra, Paraná consegue insumos a custos menores. Assim, os custos de produção de certa forma se compensam.

Processamento e industrialização da Soja

A importância da soja como produto de destaque no *rol* das exportações de certa forma pode ser explicada pela diversidade de produtos acabados que se dá através do processo de industrialização

da soja (secagem, limpeza, esmagamento e extração do óleo e pasta), se transformando então nos mais diversos alimentos, ingredientes e óleos como: emprego comestível (pães, massas, carnes, cereais, bebidas), uso industrial (adesivos, conglomerados, estrutura de tintas, caixas, tiras de amiantos), rações (para peixes, gado, aves e abelhas), farelo animal, concentrado de proteínas (animais e homem), fabricação de fibras, produção de medicamentos (hormônios, antibióticos), óleos (comestível, uso técnico industrial), combustível (diesel vegetal).

Percebe-se que a produção da soja no Brasil está concentrada nas mãos de grandes empresas como a Bunge, Maggi, Cargill, Ceval e outras. A Bunge (empresa bicentenária) só perde em volume de exportações para empresas gigantescas como a Petrobrás, Companhia Vale do Rio Doce, Volkswagen e Embraer.

A brasileira Maggi, grande desbravadora de hidrovias, investiu US\$ 90 milhões para se instalar nos portos de Itacoatiara e Porto Velho, e esta viabilizando uma rede de terminais que irá de Mato Grosso a Roraima e, a Cargil, concorrente de origem norte-americana, está plantada com um terminal próprio de 45.000m² no Porto de Santarém, construído para despachar navios graneleiros diretamente à Europa e à Ásia.

Não se pode deixar de falar na empresa norte-americana Monsanto com a comercialização da soja transgênica, *Roundup Ready* (RR), semente resistente ao herbicida *Roundup* da própria empresa, os quais são adquiridos pelos produtores rurais através da venda casada. Constituindo-se a Monsanto a grande fornecedora da semente transgênica no Brasil, especialmente após a aprovação da lei de Biosegurança no início de 2005.

Dessa forma, pode-se perceber a perda da soberania nacional onde os interesses das empresas multinacionais do setor exercem influência sobre o governo, constituindo-se num poder de persuasão público, acelerando o processo de globalização onde, o Estado vulnerável fica atrelado as mega corporações e não podendo tomar medidas sócio-econômicas e ambientais benéficas ao desenvolvimento nacional, como por exemplo, o uso de variedades produzidas pela EMBRAPA empresa que detém um alto nível tecnológico, valorizando e gerando tecnologia brasileira, fazendo com que o capital permaneça no país.

Dessa forma podemos lembrar Santos (2000, p. 155), que salienta, “os projetos das grandes empresas impostos pela tirania das finanças e trombeteados pela mídia, acabam, de um jeito ou de outro, guiando a evolução dos países em acordo ou não com as instâncias públicas freqüentemente dóceis e subservientes, deixando de lado o desenho de uma geopolítica própria a cada nação e que leve em conta as suas características e interesses”.

Assim, se os interesse fossem do bem comum da sociedade, toda tecnologia nacional gerada do capital que circularia no mercado interno poderia ser direcionado para o desenvolvimento do país. Deve-se ter em vista também, que a soja como produto agroexportador não gera muitos empregos, pois se trata como já foi mencionado, de uma cultura altamente mecanizada, não diminuindo de forma permanente os índices de desemprego, nem a fome.

A transgênica e os mercados consumidores

Grandes polêmicas têm sido travadas sobre os limites da manipulação genética e seus efeitos sobre o biosistema, tanto pelos ambientalistas como também por técnicos e estudiosos da agricultura. A polêmica principal, por parte dos ambientalistas urbanos, é a consequência que a modificação genética pode trazer na alimentação humana, principalmente em relação à saúde e o impacto ambiental subsequente.

A biotecnologia busca sobrepor-se a biossegurança desenvolvendo sementes no sentido de receber uma maior carga de herbicidas (Monsanto - Semente RR) à fim de lucrar duplamente com a venda casada onde o princípio da precaução² não é considerado nem mesmo nas políticas públicas como é o caso da aprovação da Lei de Biossegurança (Lei nº 11.105/2005).

Conforme já citado, dentre os maiores produtores de soja, o Brasil é o país que produz a maior quantidade ainda de soja não-transgênica (exigência do mercado europeu), sendo que os estados Unidos apresentam 70% da produção de soja transgênica e a Argentina 90%. As porcentagens brasileiras crescem a cada ano e, sobretudo aumentarão ainda mais, após 2005 com a aprovação da lei de Biossegurança.

O argumento levantado pela campanha "Por um Brasil Livre de Transgênicos" é que os Estados Unidos, principalmente, têm interesse de que o Brasil torne-se um país produtor exclusivamente de organismos modificados. "Ganhando o nosso mercado, não vai haver mais nenhum grande produtor de não-transgênico". O Brasil é a principal peça geopolítica desse tabuleiro, já que somos o grande produtor e exportador de sementes não-transgênicas.

Dessa forma, o país perderia o mercado consumidor da União Européia que prefere produtos não-transgênicos e orgânicos.

Considerações Finais

A soja, sendo uma *commodite* desempenha um papel importante na política econômica brasileira que busca sucessivos *superávits* primários. Porém, por trás desta cultura que constitui-se num dos principais produtos agrícolas nacional estão os interesses de grandes empresas, muitas delas multinacionais, o que numa análise mais profunda acaba se refletindo na perda da soberania e dos interesses nacionais.

A soja transgênica é uma realidade, mesmo sabendo que os lucros com o produto orgânico pode ser igual ou superior e que consequentemente perde-se uma boa parcela de mercado, especialmente na União Européia. Sem falar, no comprometimento com o princípio da precaução e com os danos incertos aos ecossistemas.

² Em 1992, na Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento no Rio de Janeiro foram votados 27 princípios, sendo que o princípio 15 diz: "No intuito de proteger o ambiente, o princípio da precaução deve ser amplamente aplicado pelos Estados de acordo com suas capacidades. Onde há ameaça de danos sérios e irreversíveis, falta de certeza em completo conhecimento científico não deve ser usada como uma razão para adiar medidas de custo efetivo para prevenir degradação ambiental.

Portanto, o passado nos mostrou que os resultados alcançados após os ciclos econômicos, não foram favoráveis tanto nos aspectos econômicos, como sociais e ambientais, percebendo-se que não está sendo diferente com a soja, ficando difícil conciliar os interesses geopolíticos em torno deste complexo agroindustrial com o desenvolvimento sustentável.

Bibliografia

BELLINAÇO, L. **Análise de mercado complexo soja**. 2002. 83p. Monografia de especialização. Universidade Federal de Santa Maria. 2002.

BERNARDES, J. A. **As estratégias do capital no complexo da soja**. In: Brasil: questões atuais de reorganização do território. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

BERTRAND, J. P.; LAURENT, C.; LECLERCQ, V. Tradução de OLIVEIRA, L.L. de. **O Mundo de soja**. São Paulo: Hucitec/ Ed. da Universidade de São Paulo, 1987.

CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da; CORRÊA, R. L. (org). **Brasil: questões atuais da reorganização do território**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

CONCEIÇÃO, A. do N. **Fatores de sucesso de produtores de soja no Estado do Rio Grande do Sul**. Monografia de Especialização. Santa Maria, RS, 2002.

DEARK, A. **As raízes do problema**. Disponível em: www.emcrise.com.br/reportagem3.htm. Acesso em: 29 mar 2005.

GREENPEACE BRASIL. **O Contexto político dos transgênicos no Brasil**. Disponível em: www.greenpeace.org.br. Acesso em : 01 maio 2005.

PAULA, S. R. de; FILHO P. F. **Panorama do Complexo Soja**. Disponível em: www.bndes.gov.br/conhecimento/bnset/set804.pdf. 200-?. Acesso em: 02 maio 2005.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SECO, A. **O Tamanho do Brasil que põe a mesa**. Revista Veja. 3 mar 2004.